LENNYS DOS ANOS DE CHUMBO

Aimée Guimarães Feijão[1]

Submetido (*submitted*): 7 de abril de 2013.
Aceito (*accepted*): 9 de novembro de 2013.

Resumo: O presente ensaio objetiva analisar as relações existentes entre o apoio ao golpe militar de 1964 promovido pela mídia e a tentativa posterior de ressignificação desse suporte por parte da própria mídia, num esforço de modificar a memória que a coletividade guarda do passado. Como subsídio às reflexões aqui realizadas utilizar-se-á o filme Amnésia (*Memento*) dirigido por Christopher Nolan (EUA) e o texto de Beatriz Kushnir intitulado Desbundar na TV: militantes da VPR e seus arrependimentos públicos.

Palavras-chave: Memória; Golpe militar de 1964; Mídia.

Abstract: This essay aims to analyze the relationship between the support by the media for the military coup of 1964 and the subsequent attempt of ressignification of this support by the media itself, in an effort to modify the collective memory. The reflections made use as base the movie Memento directed by Christopher Nolan (USA) and a text from Beatriz Kushnir titled "Desbundar na TV: militantes da VPR e seus arrependimentos públicos".

Key words: Memory; Military coup of 1964; Media.

O filme Amnésia explora de forma interessante questões relativas à memória e à identidade. Leonard Shelby, apelidado de Lenny, vive uma busca constante pela reconstrução do seu passado por meio das pistas que ele mesmo espalha pelo seu corpo. Quando questionado pelo personagem Teddy sobre seus meios incomuns de contar para si mesmo a sua história pessoal, Lenny faz uma reflexão sobre a falibilidade dos registros mnemônicos que vale a pena reproduzir: "Memory is unreliable (...) memory can change the shape of a room,

[1] Mestranda em Direito na Universidade de Brasília.

it can change the color of a car. And memories can be distorted. They're just an interpretation, they're not a record"[2].

Análise semelhante realiza Isabel Allende no livro Retrato em Sépia: "(...) a memória costuma imprimir em preto e branco; os tons de cinza se perdem pelo caminho (...)", ou seja, os traços mnêmicos que vão sendo armazenados passam por releituras constantes, guardamos apenas a essência do fato; as nuances -os tons de cinza- se perdem pelo caminho.

Ferreira Gullar nos presenteia também com uma belíssima passagem de Poema Sujo, a qual poeticamente nos mostra como a gaveta empoeirada da memória esconde até mesmo o nome da mulher outrora amada:

Seu nome seu nome era..
Perdeu-se na carne fria
perdeu-se na confusão de tanta noite e tanto dia
perdeu-se na profusão das coisas acontecidas
    constelações de alfabeto
    noites escritas a giz
    pastilhas de aniversário
    domingos de futebol
    enterros corsos comícios
    roleta bilhar baralho
mudou de cara e cabelos mudou de olhos e risos mudou de casa
e de tempo: mas está comigo está
    perdido comigo
    teu nome
    em alguma gaveta

As passagens acima reproduzidas destacam um fato: não conseguimos nos lembrar de tudo e nem tudo o que lembramos é real. A memória é um sistema cognitivo, um conjunto de processos mentais inter-relacionados, que nos permite registrar, armazenar, elaborar e recuperar informações do que vivemos[3]. Ela se divide em memória de curto prazo, de duração curta e capacidade limitada, e de longo prazo, potencialmente permanente e de capacidade ilimitada.

A memória de longo prazo se subdivide em explícita e implícita. A memória implícita se refere a lembranças inconscientes (trabalhada principalmente na amídala cerebral), como aprender a andar. Já na memória explícita, as lembranças são conscientes (processadas na região do hipocampo), como os conhecimentos adquiridos na escola[4].

[2] Tradução livre: "a memória não é confiável (..) A memória muda o formato de um quarto, a cor de um carro. Lembranças podem ser distorcidas. São só uma interpretação, não são um registro".
[3] HERÁLDEZ (2008; 37).
[4] GRIGGS (2009; 170-181).

O processo de recuperação da memória, entretanto, é falho. O ser humano possui a capacidade de criar memórias sobre fatos que nunca aconteceram, sendo que tais fatos vão desde pequenas distorções de eventos passados a histórias totalmente sem sentido. Isso pode ser compreendido pelos fenômenos conhecidos como memórias reprimidas e falsas memórias.

A memória reprimida é aquela retida de forma inconsciente. Esse foi um conceito presente nos estudos do médico vienense Sigmund Freud (1856-1936). A impossibilidade de acesso consciente a essa lembrança é uma forma de defesa psíquica, um meio de evitar o desprazer proporcionado por uma ideia ou por um conjunto de ideias que despertariam sentimentos de dor e de vergonha[5].

A falsa memória, por sua vez, é a capacidade de recordar eventos de forma total ou parcialmente diversa da realmente ocorrida. Essa distorção da realidade pode apresentar graus e intensidade variados, abarcando desde diferenças relacionadas à cor da blusa utilizada em determinada ocasião, até alterações mais radicais como a lembrança de um abuso sexual que nunca ocorreu[6]. Ressalta-se que o fenômeno em análise apresentou maior visibilidade devido ao grande número de casos, nos anos de 1990, de adultos que teriam supostamente recuperado memórias reprimidas de abuso sexual sofrido durante a infância, as quais se provou, posteriormente, terem sido implantadas durante sessões de terapia[7].

As primeiras publicações referentes às falsas memórias datam do início do século XX, todavia os estudos do fenômeno enquanto tal começaram nos meados da década de 70. Alfred Binet iniciou em 1900 o debate, investigando os efeitos da sugestionabilidade na produção de falsas memórias. Os participantes de sua pesquisa deveriam observar por dez segundos um conjunto de objetos familiares e depois deveriam indicar quais objetos lhes tinham sido expostos. Alguns deveriam responder livremente, enquanto outros passariam por uma entrevista na qual o examinador provocaria algumas sugestões com relação aos objetos. Os resultados do experimento indicaram que as recordações livres produziram respostas corretas, enquanto as perguntas sugestivas foram respondidas com índices de erro[8].

Frederic C. Barlett também contribui de forma significativa ao estudo das falsas memórias. Em suas pesquisas, percebeu que lembramos não apenas o que presenciamos de fato, mas incluímos conteúdos extraídos de prévias experiências e expectativas culturais relacionados ao evento vivenciado. Nossas lembranças podem, portanto, ser acometidas por tais fatores[9].

---

[5] GARCIA-ROZA (2009; 153).
[6] HERÁLDEZ (2008; 38).
[7] BRAINERD (2005; 3).
[8] BRAINERD (2005; 10).
[9] HERÁLDEZ (2008; 38).

Existem dois tipos de falsas memórias, a saber: as falsas memórias espontâneas, geradas como resultado do processo normal de funcionamento da memória, em que uma interpretação passa a ser lembrada como parte integrante da informação. Um exemplo comum é recordar-se que uma história foi contada por um amigo, quando, na verdade, as informações são provenientes de um programa de televisão.

Existe, também, a falsa memória implantada, resultante de sugestões externas, oriunda de informações falsas. Por exemplo: a pessoa viu que um carro desrespeitou a placa de "pare", posteriormente, é-lhe sugerido que a placa em questão era de "dê preferência" e, então, a pessoa passa a adotar essa memória e diz que viu a placa de "dê preferência" e não de "pare".

As falsas memórias não ocorrem apenas em questões banais do cotidiano. Podem ser tão graves a ponto de abranger temáticas como o abuso sexual. Um caso exemplificativo ocorreu nos anos 90 na Califórnia. Gary Ramona foi acusado de abuso sexual contra sua filha, Holly, quando ela ainda era criança. Essas memórias foram supostamente recuperadas em uma sessão de terapia para o tratamento de bulimia de Holly. Após um grande desgaste emocional e físico, Gary conseguiu provar em 1994 que essa acusação era falsa, pois sua filha não se lembrava de ter sofrido nenhum abuso até o terapeuta desta ter sugestionado que a bulimia era uma manifestação inconsciente de um abuso sexual sofrido durante a infância. Após essa sugestão o terapeuta injetou amytal sódico (soro da verdade), momento no qual ela "recuperou" as memórias e confirmou as suspeitas do terapeuta.

As memórias reprimidas são verdadeiras e existem casos de abusos sexuais realmente sofridos durante a infância que foram "deletados" inconscientemente, contudo o uso de técnicas controversas em sessões de terapia para recuperar memórias parciais pode provocar a implantação de falsas memórias[10].

Nossas memórias, então, são suscetíveis à distorção por sugestão de terceiros após a ocorrência de determinado fato. Além disso, nossas percepções e interpretações também podem afetar a recordação de um fato.

E, ao contrário do que possa parecer, a memória individual possui em si uma carga de coletividade. Lenny volta-se a seu corpo para recontar sua história até o presente. O acesso às lembranças não se limita ao âmbito pessoal. Maurice Halbwachs afirma que estamos de tal forma conectados com a coletividade que "vibramos em uníssono, e não sabemos mais onde está o ponto de partida das vibrações, em nós ou nos outros. Quantas vezes exprimimos então, com uma convicção que parece toda pessoal, reflexões tomadas de um jornal, de um livro, ou de uma conversa" [11].

[10] WHITESELL (1996/1997; 303).
[11] HALBWACHS (1990; 47).

A influência do grupo é notada também pelo fato de o funcionamento da memória individual ser possível apenas com a linguagem, palavras que se conectam em um sentido. E esse instrumental nos é fornecido pelo grupo, pelo meio em que vivemos como indivíduo[12].

Mas a memória individual, apesar de sofrer influência da memória coletiva por meio principalmente de sua construção linguística e de suas práticas sociais consolidadas, não foge dos fatos e eventos que experienciamos. O acesso aos acontecimentos que nos são externos, que ocorreram em outro tempo e em outro espaço, só nos é possível por meio dos registros, verbais ou escritos que nos são legados. Isso releva a importância da higidez dos relatos históricos para conseguirmos construir da forma menos deturpada possível a memória coletiva do nosso passado.

Existem, todavia, episódios marcantes da história brasileira que são forçadamente empurrados para baixo do tapete, remetendo-os ao esquecimento daqueles que não realizam uma pesquisa aprofundada nesses temas. Mais especificamente, um véu foi colocado sobre a participação de parte do empresariado e da mídia no golpe militar de 1964.

Quando nos lembramos desse período de nossa história, é-nos reforçada a ideia de arbítrio e de opressão à sociedade civil. Mas essa é a versão dos fatos que nos é massivamente apresentada. Os militares não assumiram o poder da nação sozinhos, obtiveram amplo apoio da mídia e dos empresários brasileiros que temiam a instauração do socialismo em uma época de extremos caracterizada pela guerra fria.

O documentário Cidadão Boilesen de Chaim Litewisk explora a figura de Henning Albert Boilesen, presidente da Ultragaz envolvido no financiamento da Operação Bandeirantes, o maior aparato de morte e tortura de "terroristas" radicado em São Paulo. A partir dessa biografia, temos noção do panorama histórico da consonância ideológica entre parte do empresariado brasileiro e o regime militar, selada pelo amplo apoio econômico que aquela a este fornecia.

Não só dos empresários partiu o apoio. Aloysio de Carvalho salienta que ocorreu a articulação da imprensa em torno da busca de novas formas de organização política do Estado face à crise política surgida no governo de Goulart, visto como associado aos movimentos comunistas e trabalhistas na empreitada de edificar um Estado transgressor dos direitos individuais. Representativa desse auxílio ideológico foi a criação, em outubro de 1963, da Rede da Democracia, um programa radiofônico diário em oposição ao governo Goulart comandado pelas rádios cariocas Tupi, Jornal do Brasil e Globo, que era transmitido às outras regiões do Brasil pelas emissoras afiliadas.

[12] HALBWACHS (1990; 54).

A interpretação dos problemas econômicos, sociais e políticos que era divulgada difundia o perigo da ameaça comunista e a necessidade de combatê-la por meio da reestruturação do regime político, o que contribuiu para a formação de uma base de legitimidade à intervenção militar posterior. Os pronunciamentos realizados nas emissoras eram publicados, posteriormente, nos jornais: O Jornal, O Globo e Jornal do Brasil.

Vale a pena reproduzir o seguinte excerto do artigo de Aloysio de Carvalho supracitado[13]:

> a imprensa foi colocada na condição de guia da nação, portadora da racionalidade, sendo considerada, portanto, o espaço público ideal para direcionar os debates sobre os rumos do país. Nesse contexto atuou a Rede da Democracia, criada com o intuito não só de unificar ideologicamente as forças de oposição contra o intervencionismo estatal e as pretensões de domínio do governo trabalhista sobre a sociedade, mas, sobretudo, de persuadir segmentos do público de que a imprensa, naquele ambiente de guerra contra o comunismo e ações revolucionárias de massa, tornava-se a verdadeira intérprete e a voz autorizada da opinião pública em defesa da legalidade constitucional.

O papel dos jornais na promoção do regime militar foi também objeto do texto "Desbundar na TV: militantes da VPR e seus arrependimentos públicos", de autoria de Beatriz Kushnir. Ela afirma que, apesar de ser uma faceta histórica pouco explorada, existiam jornalistas e donos de jornais que aderiram ao regime. Esse grupo pequeno, a despeito de seu tamanho, possuía grande força de divulgação.

Nesse período, militantes de esquerda eram apresentados como terroristas desordeiros e investia-se pesadamente em propagandas de exaltação à pátria. Campanhas ufanistas eram utilizadas como uma forma de aproximar a população em torno de um ideal, principalmente em torno do futebol. Isso como uma maneira de criar uma identidade nacional e mascarar as torturas ocorridas nos porões da ditadura e as insatisfações com o regime.

Episódios interessantes descritos no texto de Kushnir foram os arrependimentos públicos protagonizados por membros da Vanguarda Popular Revolucionária. Aqueles foram divulgados como legítimos e espontâneos, omitindo-se o quadro de degradação moral e física que os então desbundados sofreram para que publicamente se expusessem. Esses depoimentos foram apresentados ao

[13] CARVALHO (2004; 75).

público como sendo representativos da falta de real engajamento político dos "terroristas", que lutavam sem uma causa real com o fim exclusivamente de provocar o caos e a desordem.

A imprensa inegavelmente possui poder sobre a formação de uma opinião pública em torno de determinado assunto. As influências políticas desse período, contudo, foram hodiernamente relegadas ao esquecimento, ou, ainda, ressignificadas.

Flávia Biroli, em artigo intitulado "Representações do golpe 1964 e da ditadura na mídia", aponta que em textos jornalísticos escritos após a redemocratização, no recorte temporal entre o ano de 1984 e o de 2004, a atividade da imprensa no período ditatorial é associada à luta pela democracia, à luta contra a censura, a qual amordaçava os escritores desejosos da liberdade. Observa-se, portanto, uma oposição simplista entre ditadura à liberdade de imprensa.

Biroli afirma que atualmente muito pouco se fala sobre o apoio civil-midiático à ascensão dos militares ao poder, com raras exceções, tal como um artigo do Jornal O Globo sob o título "Militares assumiram com o apoio da imprensa" que menciona, não apenas a relação amistosa que a imprensa manteve com a ditadura, como a participação do Jornal O Globo no apoio ao regime. Entretanto, mesmo esse posicionamento crítico é visto com ceticismo pela autora supramencionada, esta assevera que aquele é sustentado por assumir-se a existência de uma ruptura entre o passado e o presente, há, nos dizeres de Biroli "uma clara associação entre crise, autoritarismo e um passado já encerrado que se abriria para a democracia como realidade consensual" [14].

Mas essa relação entre censura e autoritarismo como forma de legitimar as atuações parciais da imprensa não se sustenta em todos os casos. Venício de Lima nos apresenta três casos de distorção, omissão e promoção de informações por parte da Rede Globo ocorridas no período de liberalização do regime: as eleições de 1982 no Rio de Janeiro, as greves de Paulínia e do ABC em 1983 e a campanha das Diretas Já em 1984.

A Globo tentou fraudar as eleições para governador no Rio de Janeiro em 1982 em desfavor de Leonel Brizola, candidato que não atendia aos interesses do regime autoritário. O esquema fraudulento consistiria em iniciar as apurações das votações pelo interior do Estado, no qual o partido do governo era majoritário, enquanto a empresa encarregada de processar a contagem de votos, a Proconsult, a partir de um programa que havia desenvolvido, iria subtrair os votos de Brizola e adicionar votos para o candidato do governo, Wellington Moreira Franco, na capital. Ao divulgar os resultados parciais colhidos no interior, a Rede Globo iria conferir credibilidade aos resultados falsos que paulatinamente iam

[14] BIROLI (2009; 284).

sendo confeccionados. Todavia, o desenvolvimento de um serviço próprio de apuração, por meio de boletins emitidos pelo Tribunal Regional Eleitoral, acabou com os planos fraudulentos [15].

Em julho de 1983, São Paulo assistiu a eclosão de duas greves. A primeira foi dos trabalhadores da Refinaria Paulínia, que paralisaram suas atividades como forma de reivindicar o fim da rotatividade e a garantia da estabilidade de emprego. A segunda foi a dos metalúrgicos da região industrial do ABC, que deflagraram o movimento em solidariedade aos trabalhadores da refinaria. Ao serem anunciadas as greves, a mídia deu ampla cobertura ao fato, o que levou à lacração arbitrária dos transmissores da Rádio Bandeirantes em 8 de julho pelo Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel), órgão do Ministério das Comunicações. Essa ação do Dentel intimidou as outras emissoras, menos a Rede Globo, que continuou a cobrir os eventos. Todavia, os jornalistas que prosseguiram com as reportagens sempre deslegitimavam e minimizavam a atuação dos grevistas, focando nas posições contrárias mantidas pelos executivos da Paulínia e pelos representantes do governo [16].

O descaso jornalístico quanto as Diretas também foi objeto do texto "A história na era de sua reprodutibilidade técnica", de Eugênio Bucci. No dia 25 de janeiro de 1984 uma multidão de aproximadamente trezentos mil pessoas aglomerou-se na praça da Sé em um comício pela volta das eleições diretas para Presidente da República. Esse ato notoriamente político foi noticiado pelo Jornal Nacional como sendo mais uma solenidade em virtude do aniversário da cidade de São Paulo que coincidiu com a mesma data do comício.

Em resposta a essa "denúncia" Ali Kamel, diretor executivo de jornalismo da Rede Globo, afirmou que a Globo conferiu sim o devido significado político àquela manifestação. Para Bucci isso claramente representa uma tentativa de modificar a memória coletiva sobre o real acontecimento dos fatos, pois a emissora em tela apenas destacou devidamente o movimento após o fortalecimento deste em escala nacional, tendo-o boicotado em quase todos os momentos de seu surgimento por meio da divulgação de mensagens distorcidas ou insuficientes.

Pelos fatos aqui expostos podemos observar uma tentativa por meio da mídia de modificar deliberadamente a memória coletiva quanto a sua atuação não só do período ditatorial, mas também no que o precedeu. Tal como Lenny, após a sua decepção com Teddy, escolhem quais os fatos e percepções serão considerados verdade. Consequentemente, modifica-se a memória individual, tanto pelo fato de esta ser organizada pela coletiva, como pelo de que a única

[15] LIMA (2004; 147).
[16] LIMA (2004, 150).

forma pela qual as gerações futuras têm acesso aos fatos acontecidos é por meio dos relatos e dos textos escritos. Com o tempo os detalhes e as implicações dos acontecimentos históricos são relegados ao esquecimento. Essa armadilha meticulosamente articulada por Cronos pode ser ultrapassada se não nos contentarmos com a única história que nos é fornecida; ouvindo os vários atores e às várias percepções do mesmo fato podemos tirar nossas próprias conclusões. Relembrar esse passado é incômodo, mas não o fazer constitui um roubo, roubo à memória, roubo à identidade.

Referências Bibliográficas

BIROLI, Flávia. Representações do golpe de 1964 e da ditadura na mídia: sentidos e silenciamentos na atribuição de papéis à imprensa, 1984-2004. **Vária História**, nº 41. Belo Horizonte, 2009, pp. 269-91.

BRAINERD, Charles J., REYNA, Valerie F. **Science of false memory**. Oxford University Press, New York, NY, 2005.

BUCCI, Eugênio. A história na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BUCCI, Eugênio. KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004.

CARVALHO, Aloysio Castelo de. A imprensa golpista: o papel dos jornais cariocas da Rede da Democracia na
queda de Jango. **Carta Capital**, 31/03/2004, pp.72-75.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo, 1936. **Freud e o inconsciente**. 24.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

GRIGGS, Richard A. **Psicologia**: uma abordagem concisa; tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos Tribunais LTDA., 1990. p. 47

HERÁLDEZ, Ambrocio Mojardín. Origen y manifestaciones de las falsas memorias. **Acta Colombiana de Psicologia**, jun., ano/vol.11, número 001. Universidad Católica de Colombia. Bogotá, Colombia.

KUSHNIR, Beatriz. Desbundar na TV: militantes da VPR e seus arrependimentos públicos. In: ROLLEMBERG, Denise. QUADRAT, Samantha Viz (org.). **A construção social dos regimes autoritários – Legitimidade, consenso e consentimento no século XX: Brasil e América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, pp. 279-304.

LIMA, Venício Artur de. **Mídia: teoria e política**. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

WHITESELL, Jeffrey M. Ridicule or recourse: parents falsely accused of past sexual abuse fight back. 11, **Journal of Law and Health** 303 1996-1997. Content downloaded from HeinOnline (http://heinonline.org) Tue Dec 6 18:01:41 2011.